

CINEMA

FILME DE PROFESSOR DA UNB REPERCUTE — O documentário cinematográfico "Incelência para um Trem de Ferro", do cineasta Vladimir Carvalho, professor de Comunicação da Universidade de Brasília, recentemente agraciado com o prêmio da *Jornada Nordestina de Curta Metragem*, em Salvador está alcançando a melhor receptividade por parte da crítica especializada do Sul do País. Em dias da semana passada o jornal "O Globo" publicou a seguinte matéria sobre o documentário:

"O filme de Vladimir Carvalho tem a significação de representar uma continuidade numa carreira, iniciada há doze anos, e que inclui títulos como "Romeiros da Guia", "A Bolandeira", "Sertão do Rio do Peixe" e "Xilita, a Pedra da Riqueza" (em montagem), que tem procurado retratar uma crônica nordestina projetada através de uma vivência, de uma análise e de uma lembrança. Segundo Vladimir, "Incelência", como os títulos que o antecederam, persegue o objetivo conscientemente assumido de revelar a faina humana numa terra marcada pelos contrastes sociais, como é o Nordeste.

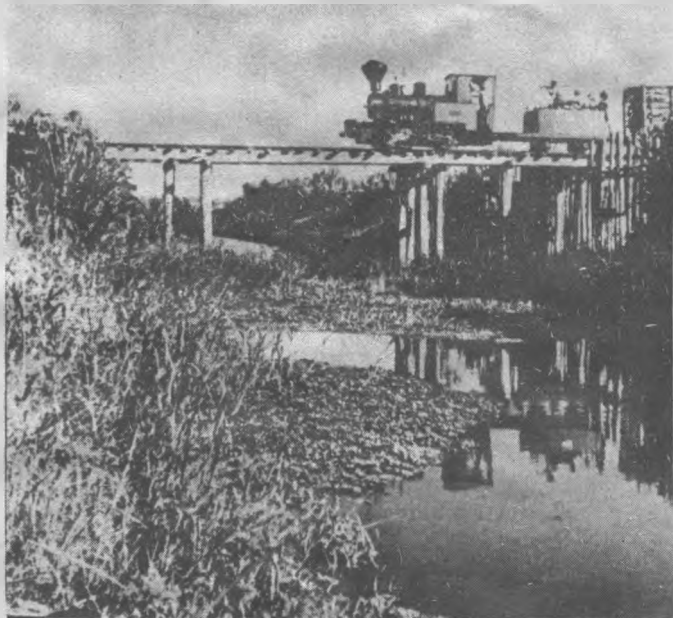
O TREM E O POVO — "Seguindo a mesma linha de tomar de empréstimo formas de expressão do povo para melhor fazer passar a nossa proposta, "Incelência" é um filme que faz a louvação do trem de ferro no percurso dos anos que serviu às usinas de açúcar do Nordeste, em contraponto com a marginalização do homem do campo", explica Vladimir Carvalho. "Incelência", acrescenta, é um canto fúnebre que se entoa aos defuntos noites adentro e a intenção é fazer com que o morto não encontre empecilho na sua entrada no céu. Durante essa vigília é comum parentes e conhecidos comentarem as qualidades (excelências) do falecido, seus feitos, seus defeitos.

— No filme não se entoa nenhuma "incelência", pelo contrário as músicas são todas alegres e a alusão ao título é apenas relativa aos depoimentos em que o documentário se baseia: o de um usineiro que dirige um Museu ao qual uma das locomotivas foi recolhida, o de um outro, esse jovem empresário, que defende a permanência e modernização do transporte ferroviário nas usinas ("as coisas têm de mudar para continuar como estão) e o de um maquinista que desejaria, com a substituição do trem, ser motorista, mas está velho e doente. Eles falam das virtudes do trem enquanto este se arrasta pelo verde sem fim dos canaviais na sua morte lenta.

Vladimir esclarece que o empenho em realizar o registro do papel desempenhado pelo trem a vapor, que vem substituído tardiamente pelo caminhão, na paisagem nordestina, contou com paciente e exaustiva pesquisa de Paulo Mello, que também fez a produção executiva. A preocupação principal, a par da estrutura de "incelência" já explicada, foi fixar a contemporaneidade da máquina ainda em atividade nas usinas da Várzea do Paraíba do Norte e o seu recolhimento ao jardim do Museu do Açúcar em Recife, para onde foi levada pela mão de um usineiro, eventualmente na direção daquela entidade.

Um tom de réquiem — Como tratamento, segundo seu autor, "Incelência" é uma espécie de réquiem para a locomotiva que chegou ao Brasil depois da revolução industrial dos ingleses. "Agora resfolega arruinada pelos anos de uso, vencendo as subidas do terreno com dificuldade, saindo dos trilhos rebentados, avançando à custa de muita lenha consumida das matas que vão também desaparecendo da região, criando o deserto. Indiretamente ou não, o filme se refere à segunda decadência marcante na área da cana-de-açúcar do Nordeste. A primeira foi a dos engenhos engolidos pela usina, que açambarcou os antigos banguês com sua novidade "tecnológica" e arruinou a classe dos senhores de engenho transformados em simples plantadores, em fornecedores de cana - uma humilde condição, se comparada ao fausto de outros tempos."

UMA TEXTURA - O filme foge um pouco ao padrão do curta metragem pois tem 25 minutos de duração e foi rodado em três



O trenzinho de cana leva a memória de um tempo serpenteando nos canaviais, transpondo riachos, perdendo-se no verde...

semanas de trabalho puxado, uma vez, esclarece Vladimir Carvalho, que não fora dada autorização à equipe de filmagem para parar o trem ou qualquer outra atividade da usina, a fim de melhor captar o processo.

— Tivemos que nos desdobrar, esperando com paciência que as coisas se dessem naturalmente, fazendo longas caminhadas deslocando equipamentos, tocando em cada esquina das planícies do canal. Sofremos um choque de locomotivas que por pouco não foi fatal, embora sem alarde, pois entre o povo simples tudo aconteceu sem espalhafato, sem comentários. Os maquinistas, trabalham acumulando turnos de trabalho, pernoitados e exaustos, escaudados em vida pela fornalha do monstro de ferro e não sei como não ocorrem desastres mais frequentemente.

"Incelência" foi fotografado por Walter Carvalho, que vinha de uma experiência muito positiva na faixa da fotografia parada, ganhando um prêmio da revista "Realidade" com fotos que documentavam o dia-a-dia dos subúrbios cariocas e o submundo da pobreza. Walter já trabalhara com Vladimir em "Os Homens do Caranguejo" e "O País de São Saruê", como assistente. Foi idéia de Walter explorar a textura granulada da imagem para desglamorizar o assunto, "que tem uma tremenda carga de pitoresco, com céu azul e verde cana na paisagem".

— Walter propôs que acentuássemos essa textura e lembrou, como exemplo a seguir, o tom de "A Planície de Lacrau", um famoso quadro de Van Gogh. Achei a idéia muito boa e partimos pensando nisso. No final, com a maior parte do celulóide usado na fixação das atividades do trem e dos lavradores, com planos largos, demorados, como se a gente quisesse eternizar o trenzinho, terminamos sem material suficiente para as entrevistas. Resolvemos o problema com fotos fixas, filmadas depois no Rio, e onde aparecem os usineiros deitando falação, mas "mumificados", na imobilidade das fotos. O aspecto dinâmico do filme, o que foi rodado ao vivo, ficou com os homens que conduzem o trem e os lavradores lavrando a terra ao lado da ferrovia. Alguém poderia falar em metáfora, mas tudo não passou de uma bossa forçada." **ALTIMAR PIMENTEL**